

---

## História da Farmácia: do surgimento da espécie humana ao fim da Antiguidade Clássica

---

RICARDO GALLETTO(UNINGÁ)<sup>1</sup>

**RESUMO:** Desde o surgimento da espécie humana, o homem procura na natureza elementos que possam ser utilizados como medicamento. Mas isto ocorreu de maneira lenta e gradativa, reconhecendo ao longo dos milênios o que era medicamento ou veneno. Há milênios, o homem utilizava medicamentos não como o ponto principal da cura de uma dada patologia, mas sim um complemento aos rituais mágico-religiosos realizados pelos bruxos-feiticeiros. Com o passar dos séculos, muitos povos deixaram de lado a crença da cura pelo bruxo-feiticeiro (medicina pré-técnica) para acreditar que o equilíbrio de humores no organismo é que era responsável pelas discrasias (período técnico). Assim surgiu o cientificismo grego-romano, com nomes importantes das artes médico-farmacêuticas como Hipócrates, Celso, Dioscórides e Galeno. A história da farmácia se confunde, em seu estágio inicial, com o surgimento e desenvolvimento da própria humanidade.

**Palavras-chave:** História da Farmácia. Galeno. Bruxo-feiticeiro.

**ABSTRACT:** Since the sprouting of the species human being, the man looks in the nature elements that can be used as medicine. But this occurred in slow and gradual way, recognizing to long milenios them what it was medicine or poison. It has milenios, the man used medicines not as the main point of the cure of one given pathology, but yes a complement to the magician-religious rituals carried through by the sorcerer-wizards. With passing of the centuries, many peoples had left of side the belief of the cure for the sorcerer-wizard (medicine daily pay-technique) to believe that the balance of moods in the organism is that it was responsible for the discrasias (period technician). Thus the scientificism appeared Greek-Roman, with important names of the arts

---

<sup>1</sup> Professor Mestre Faculdade Ingá – UNINGÁ

doctor-pharmceutics as Hipocrates, Celso, Dioscordes and Galeno. The history of the pharmacy if confuses, in its initial period of training, with the sprouting and development of the proper humanity.

**Key words:** History of the Pharmacy. Galeno. Sorcerer-wizard.

## INTRODUÇÃO

Na atualidade, a existência de duas correntes principais de estudo divide o pensamento de cientistas com relação ao surgimento da espécie humana: teoria da evolução humana, proposta por Charles Darwin, e a teoria da criação divina. Outras correntes de estudos surgem para explicar o elo de ligação entre estas duas teorias, entre elas a Teoria da Triossíntese proposta há poucos anos, sem ser muito divulgada e conhecida (DEI TOS, 2004). A teoria mais aceita no cientificismo é o da evolução humana.

Cientistas estimam que o nosso planeta tenha se formado há cerca de cinco bilhões de anos e que as primeiras formas de vida tenham sido originadas há quatro bilhões de anos. Somente há apenas quinhentos milhões de anos houve a explosão da vida que ocorreu nos mares. Mais tarde, cerca de 250 milhões de anos, os primeiros vertebrados deslocaram-se para a terra firme, originando os répteis e os primeiros mamíferos (VICENTINO, 2004).

De acordo com estudos de fósseis e provas moleculares, há quase dez milhões de anos os **hominídeos** (antecessor dos homens) e os **símios** (macacos, chipanzés, gorilas, orangotangos, entre outros) eram semelhantes e faziam parte de um ancestral comum. Entre oito a cinco milhões de anos, existiu um ponto crítico na história da humanidade, que designamos de “**divergência de linhagens**”, que conduz a evolução dos grandes símios e dos humanos separadamente, levando às duas linhagens evolutivas (PARKER, 1995; VICENTINO, 2004).

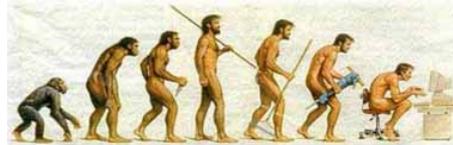


Figura 1 – Ilustração sobre o desenvolvimento do homem como espécie humana

Os primeiros hominídeos são chamados de **australopitecíneos** (*Australopithecus boisei*), vivendo aos três milhões de anos originalmente na África. Mais adiante, aos quase dois milhões de anos, os hominídeos se subdividem, originando o *Australopithecus robustus* e o *Homo habilis*. Há um milhão de anos, ocorreu provavelmente uma divergência de linhagens africanas e asiáticas. Surge então outra espécie, o *Homo erectus*, tanto na

África quanto na Ásia (**Homem de Java e Homem da China**). Após o aparecimento do *Homo erectus*, surge o *Homo sapiens* Arcaico, na África, que migra aos poucos para a Europa. Tanto no continente africano quanto no europeu, e mais tarde na Ásia, surge o *Homo sapiens* Moderno, conhecido na Europa como **Homem de Neandertal**, há 100 mil anos. Nosso ancestral direto é o **Homem Cro-Magnun** (*Homo sapiens sapiens*), praticamente indistinguível da espécie atual e viveu há 35 mil anos (ARICÓ, 2001; PARKER, 1995; VICENTINO, 2004).

Em síntese, ocorreram profundas transformações evolutivas até chegarmos ao homem Cro-Magnon, ancestral do atual, tanto física (torna-se bípede ereto sobre os membros inferiores; diminuição da pilosidade no corpo) como comportamentalmente (deixa de ser arborícola para viver em campo aberto, onde se depara com uma variada fauna e exuberante flora). Ao longo do tempo, quem sabe séculos, a mudança do comportamento do homem primitivo em se tornar animal terrestre pressupõe haver neste período imensas florestas em todas as partes que explorava, sendo que a oportunidade e a aptidão cresceram juntas, uma dependente da outra, em conjunto evolutivo, de igual maneira estimulando-as (Figura 1).

Na região que lhes proporcionava o alimento fácil e sem perigo, adaptou-se ao lugar defendendo-se de outros grupos e de igual modo civilizando-se. A utilização de espécies de vegetais, bem como animais e minerais, pelo homem para os mais diversos propósitos parece ser uma atividade tão antiga quanto o seu surgimento. Desta maneira, por meio de tentativa e erro, o homem primitivo teve de adquirir conhecimentos que foram usados para determinar quais produtos eram valiosos como alimento, medicamento e quais deveriam ser evitados por serem venenosos ou perigosos (DAVID; DAVID, 2002).

Aos 10 mil anos a.C. o homem ainda vivia de maneira extremamente primitiva em cavernas e abrigos naturais. Mas um fato importante ocorrido por volta deste período foi o surgimento da agricultura, que demonstra um ótimo referencial para a civilização da espécie humana. Observamos que no ano 8.000 a.C., havia pequenos bandos de homens que caçavam e colhiam, com estilo de vida pouco diferente dos seus ancestrais de até 100 mil anos. Mas aos 6.000 a.C., vilarejos consideráveis existiam em muitas regiões, sendo que no ano 4.000 já se encontravam muitas cidades. Dois mil anos depois, ou seja, aos 2 mil anos a.C., houve a transformação de muitas cidades-estado em grandes impérios. A partir da era de Cristo (ano zero), foram estabelecidas bases tecnológicas para serem alcançados os avanços nos

mais variados campos atuantes do homem atual, no século XXI, inclusive no desenvolvimento dos medicamentos e as áreas afins à farmácia (PARKER, 1995).

Assim sendo, o desenvolvimento das drogas farmacológicas e medicamentos caminham de acordo com o desenvolvimento da civilização humana; a História da Farmácia se confunde em muitos aspectos com a história de outras ciências e a história do próprio homem (PITA, 2000).

## DESENVOLVIMENTO

### a) Paleomedicina e os Antigos Povos

Através dos estudos da paleopatologia (“ciências das doenças que podem ser demonstradas em vestígios humanos precedentes de épocas remotas”), podemos perceber que o homem primitivo adoecia de maneira semelhante ao atual e que eram diversas as patologias existentes, entre elas anomalias congênitas, fraturas e neoplasias. Chamamos de paleomedicina ao estudo da medicina em tempos remotos (DIAS, 2005; PITA, 2000).

Próximo dos 10 mil anos a.C., a espécie humana fez uso dos medicamentos, provavelmente em sua forma natural, sem o preparo de formas farmacêuticas convencionais. À medida que o homem percebeu que a transformação destes materiais das formas naturais em tinturas, chás, macerados, triturados e em pastas poderiam ser realizadas, novas formas farmacêuticas foram desenvolvidas, aumentando consideravelmente o conhecimento médico-farmacêutico da época.

Com o passar dos milênios, chegamos aos povos que viveram por volta dos 2 mil anos a.C.; nesta época, muitas cidades transformavam-se no berço de vários impérios: **Mesopotâmia (Suméricos, Assírios e Babilônicos), Egípcios, Persas, Antiga Índia, Hebreus** e os povos do continente americano, entre eles os **Incas, Maias e Astecas** (COWEN, 1990; DIAS, 2005; PITA, 2000).

Algo importante neste período, e que constitui um traço importante a respeito das práticas médico-farmacêuticas destes povos, é sobre a origem das doenças. Acreditava-se que as doenças eram provocadas por causas sobrenaturais, tendo que se descobrir a causa inicial. A doença poderia ter sido causada por: a) um deus ou um espírito do mal; b) uma resposta a uma falta cometida pelos homens; c) uma ação

de forças sobrenaturais misteriosas; ou d) um mal olhado feito por um mortal invejoso ou rancoroso. É este o ponto onde entra a figura de uma pessoa com importância nestas sociedades, conhecido como **bruxo-feiticeiro**, ou curandeiro. Este era responsável por “dialogar” com os deuses ou espíritos responsáveis pela doença a fim de restabelecer a saúde aos indivíduos doentes. O processo de cura do doente frente aos deuses era realizado pelo bruxo-feiticeiro através dos rituais de magia e de religiosidade, envolvendo produtos de origem vegetal, animal e mineral, muitas delas utilizadas até a atualidade como a quinina, a cocaína, a emetina e a reserpina. O indivíduo fazia uso de poções formuladas pelo bruxo-feiticeiro (DIAS, 2005; PITA, 2000).

Muitas drogas vegetais utilizadas nos rituais mágico-religiosos, com fins terapêuticos, tinham poder alucinógeno. Como exemplo, podemos mencionar o cânhamo, a papoula e folhas de coca (VIEIRA, 2004).

Percebe-se que a figura do bruxo-feiticeiro era importantíssima para estas sociedades e era este quem detinha as fórmulas dos medicamentos e de venenos, além de conhecimento sobre as patologias. Não é difícil perceber que o bruxo-feiticeiro era a pessoa que mais se assemelha ao atual farmacêutico. Vale deixar claro que este período da história está muito além da divisão profissional entre farmacêutico e médico, que somente veio acontecer em 1.240 da nossa era (PITA, 2000).

Na mesopotâmia, foi encontrada a **Tábua de Nipur**, que hoje é tida como o mais antigo texto médico-farmacêutico (ano 3.000 a.C.). Contém receitas médicas e são referidas drogas de origem vegetal, animal e mineral, sendo que utilizavam já nesta época medicamentos em forma



Figura 2 – Múmia de uma mulher que viveu no Egito Antigo, em 1.070 a.C.

de soluções, pomadas, pílulas e medicação para uso retal e vaginal. Vinhos, cervejas e óleos eram usados como veículos para as preparações medicamentosas. Os mesopotâmicos recorriam aos banhos, massagens, cirurgias como as de catarata e extração dentária (é admissível que boa parte destas cirurgias eram mal sucedidas, pelas infecções oportunistas ou outros problemas como sangramentos e erros cirúrgicos). Mas a terapêutica recomen-

dada em primeira instância era sempre o ritual mágico-religioso (COWEN, 1990; DIAS, 2005; PITA, 2000).

Os **Papiros Ebers** e **Edwin Smith** são os documentos mais importantes do antigo Egito, sendo descritas muitas patologias e fórmulas medicamentosas semelhantes à tábua de Nipur. Uma das primeiras descrições do diabetes foi observada no papiro Ebers (2.500 anos a.C.). Quanto às características da farmácia egípcia, não é muito diferente da encontrada na Mesopotâmia, sendo que os egípcios se dedicaram muito às práticas higiênicas e aos cosméticos. Uma prática muito importante foi a da mumificação (Figura 2) e que proporcionou a este povo um conhecimento profundo em anatomia e nas propriedades conservantes de óleos e plantas e outros produtos químicos (COWEN, 1990; DIAS, 2005; PITA, 2000).

No Antigo Egito, usava-se uma planta medicinal conhecida como *Atropa belladonna*, fonte de atropina (substância antimuscarínica usada na farmacoterapia atual) para causar midríase (dilatação da pupila), que era considerado um padrão de beleza e elegância para as mulheres da época. Na verdade, o gênero *Atropa* lembra a deusa Átropos e a espécie *belladonna* vem do italiano e significa “bela mulher” (SILVA, 2002).

Apesar dos egípcios serem grandes utilizadores dos cosméticos, o título de “fundadores da cosmética” deve ser atribuído aos persas (antigo Irã), que também desenvolveram muitos perfumes. No continente americano encontramos os Astecas, Maias e Incas. Os Incas utilizavam drogas alucinógenas (como as folhas de coca) nos rituais de magia para tentar diagnosticar doenças ou ter conhecimento sobre a vida do doente. Faziam também certos rituais de sorte com grãos de milho (dentro de um punhado de grãos, retirava-se uma quantidade; dependendo se fosse par ou ímpar, o indivíduo teria um melhora ou piora da doença). Os Maias achavam o estrabismo uma forma de beleza. Já utilizavam várias técnicas cirúrgicas e fisioterápicas. Os Astecas eram os mais evoluídos dos povos americanos e também utilizavam drogas alucinógenas para o diagnóstico de doenças (COWEN, 1990; DIAS, 2005; PITA, 2000).

Todos estes povos, sem exceção, tinham crença em deuses e eram politeístas, sendo que os Hebreus eram monoteístas. Os hebreus acreditavam em outra forma de doença: achavam que os maus atos praticados por um indivíduo ou o fato de estar sujo (abster-se de técnicas de higiene), tornavam-nos impuros e, conseqüentemente, doentes. Assim, os Hebreus doentes deveriam passar também por rituais de purificação

para se salvarem da doença, utilizando rituais de magias e produtos à base de plantas medicinais (COWEN, 1990; DIAS, 2005; PITA, 2000).

Os Chineses também utilizavam extensivamente os vegetais, animais e minerais na cura de doenças. No entanto, ao contrário dos outros povos, os Chineses não acreditavam que as doenças poderiam ser castigos dos deuses ou de espíritos do mal, destoando das demais civilizações no aspecto de não apresentar, em nenhum momento de sua história, qualquer mistificação, o que caracteriza fortemente os mesopotâmicos, egípcios etc, onde há vários deuses que acreditam serem essenciais à sua existência. Estes faziam uma profunda reverência à natureza, acreditando existir forças internas ao organismo e que deveriam estar em equilíbrio, o que resultava em saúde. Se acaso tais forças se desequilibrassem, uma doença poderia ser ocasionada. A observação atenta e reverente às manifestações naturais incutiu no espírito chinês a concepção dos opostos complementares, o Yang (masculino, quente e dinâmico) e o Yin (feminino, frio e estático), a idéia dos cinco elementos materiais (fogo, terra, água, madeira e metal) em constante evolução, e o sentido do Todo (TAO), eterno e fonte de tudo. Um desequilíbrio entre Yin e Yang tornava o indivíduo doente (COWEN, 1990).

Por isso, tais medicamentos eram usados com o intuito de reequilibrar as forças orgânicas, e não simplesmente com importância secundária nos rituais mágico-religiosos praticados por outros povos. Na medicina chinesa, o uso procurava reequilibrar a relação Yin/Yang do organismo humano, o que está próximo ao objetivo da medicina grega antiga e da medicina ocidental da idade média e da Renascença. Na terapêutica, a medicina chinesa procurava soluções naturais como a hidroterapia, a ginástica e as massagens, a acupuntura, entre outras técnicas, hoje consideradas como “medicina milenar chinesa”. Na técnica diagnóstica, empregava o exame dos batimentos arteriais, pulsos, do biótipo, etc. (COWEN, 1990).

Um dos primeiros imperadores chineses, o mitológico Shen-Nung, detinha conhecimentos profundos do uso de plantas medicinais. Os chineses, que há milênios já tinham bom conhecimento anatômico, em especial do coração e dos vasos sanguíneos, foram também os primeiros a fazerem uso da vacina: aplicavam a crosta pulverizada das pústulas (casca da ferida raspada) dos doentes (acometidos pela varíola) nas narinas de pessoas sãs, que assim desenvolviam uma varíola leve, mas suficiente para imunizá-las. Outro detalhe importante dos Chineses é que este povo era muito mais desenvolvido, tanto científico quanto culturalmente,

quando comparado aos outros povos discutidos; sua civilização teve início aos 7 mil anos a.C., estando muito isolada dos outros povos (COWEN, 1990).

### **b) Medicina Clássica Grego-Romana e Divisão dos Períodos Pré-Técnico e Técnico**

A partir do século IV a.C., podemos nos referir ao período da história conhecido como Antiguidade Clássica, que se estende até a queda do Império Romano, em 476 d.C. consideraremos este como o segundo período da História da Farmácia discutido até o momento (VICENTINO, 2004).

A civilização grega antiga marca profundamente o mundo atual, considerando que o conhecimento científico e cultural que temos na atualidade se baseia nas teorias, filosofias e políticas formuladas e organizadas primeiramente na Antiga Grécia. Foi com esta civilização que surgiram os primeiros grandes filósofos conhecidos na história da humanidade, como Aristóteles; grandes matemáticos como Pitágoras; vieram os primeiros questionamentos sobre o surgimento da vida, da Terra e do Universo, entre outros pensamentos (VICENTINO, 2004).

De maneira semelhante, Alcmeón questionou a forma com que as doenças surgiam e como elas eram tratadas até então. Este colocou em discussão se realmente os deuses eram responsáveis pelo estado de saúde e doença de um indivíduo; se o bruxo-feiticeiro, assim como os rituais mágico-religiosos, era de fato essencial para a cura de um doente (PITA, 2000).

Alcmeón viveu em Crotona, cidade grega, e tinha crença no equilíbrio de forças que compunham o organismo (forças internas, também chamadas de “qualidades”; assim surgiu o termo “qualidade orgânica”) e que assim era responsável por manter a saúde (eucrasia) para o indivíduo. Assim sendo, se o mesmo indivíduo apresentasse um desequilíbrio destas forças, haveria o desenvolvimento de uma doença (discrasia) ou um sintoma. Com esta teoria, a ciência deixa um pouco de lado a crença de deuses na cura ou no aparecimento de doenças para um indivíduo e acredita em algo mais técnico e menos abstrato. Por isso, designamos o período que antecede Alcmeón de período “pré-técnico”, e o período de sucede o mesmo, de período “técnico”. Isto marca a passagem da medicina grega pré-técnica para a chamada medicina técnica (PITA, 2000).

Percebe-se que os povos antigos, entre eles os Egípcios, Indianos, Mesopotâmicos, Maias, Astecas e Incas, Hebreus e outros, praticaram a medicina pré-técnica e, após a lenta divulgação das teorias de Alcmeon, Empédocles e Hipócrates, desenvolviam, gradativamente, a medicina técnica. Sendo a Grécia o berço da “nova filosofia médica”, temos que admitir que anterior a este fato, a medicina grega era pré-técnica. É desta maneira que se destaca a mitologia grega, que faz menção dos deuses gregos.

Asclépio (os latinos o chamavam de Esculápio) era filho de Apolo (fundador da medicina e médico dos deuses) e da ninfa Coronis, era considerado o deus da saúde. Segundo a mitologia grega, Apolo retirou seu filho do ventre da mãe no momento da morte e assim confere-lhe o título de deus da medicina, porque simboliza a vitória da vida sobre a morte. Asclépio aparece na história com várias imagens, sempre com uma serpente enrolada em um cajado e sob seu domínio. A simbologia da serpente anda associada aos poderes divinos e às propriedades terapêuticas de que era portadora. Nota-se então que Asclépio, por dominar a serpente através do cajado, dominava também aos poderes divinos sobre a cura e a doença dos indivíduos. Assim surge o símbolo da medicina (Figura 3-A), que é uma serpente enrolada em um cajado. Asclépio tinha várias filhas, entre elas Higéia e Panacéia. As imagens de Higéia sempre vêm acompanhadas de um cálice e uma serpente enrolada a ele. Isto simboliza os poderes que Higéia tinha de dominar a serpente, fazendo com que seu veneno fosse exalado dentro do cálice. Assim, Higéia transformava tal veneno em cura (antídoto para os males). Surge então, o símbolo da Farmácia (Figura 3-B), representado por uma serpente enrolada em um cálice (COWEN, 1990; PITA, 2000).

Outras figuras fazem parte da mitologia grega e que tinham importância sob aspecto médico-farmacêutico: Hecate (também chamada de Pharmakis), deusa da magia e detentora do saber terapêutico das plantas medicinais; Ártemis, deusa que apresentava poder para curar ou reprimir, fazendo-se sentir sua ação principalmente sobre as mulheres; Centauro Quirón, metade homem e outra metade cavalo, tinha o poder de conhecer as virtudes das terapêuticas das plantas medicinais (PITA, 2000).

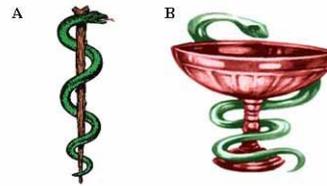


Figura 3 – Imagens que representam: A) serpente enrolada no cajado, representando o símbolo da medicina; B) serpente enrolada no cálice, representando o símbolo da farmácia.

Após Alcmeón, surgem vários médicos-filósofos que aderem às suas teorias, como Empédocles e Hipócrates. Empédocles (483-430 a.C.) congregou os quatro elementos básicos da natureza (terra, água, ar e fogo), introduzindo a teoria dos quatro elementos que orientou o pensamento científico até o século XVIII. Para ele, todos os seres eram dependentes da articulação e equilíbrio entre os elementos básicos da natureza e que influenciavam o equilíbrio da energia orgânica, resultando em doença (desequilíbrio) ou saúde (equilíbrio). Esta teoria deu suporte teórico para a doutrina dos humores, desenvolvida por Hipócrates (460-377 a.C.) e continuada pelas idéias médicas de Galeno (130-200 d.C.) (PITA, 2000).

Dentre várias escolas médicas da época, destacou-se a escola de Cós, onde Hipócrates foi aluno (além de Cós, existiam também as escolas de Crotona e de Cnidos). Nesta escola, desenvolveu-se pela primeira vez a idéia de que uma doença não era limitada a apenas um órgão. Surgia a teoria da patologia geral, sugerindo que vários órgãos poderiam participar de uma só patologia. Também se discutia a presença de humores (líquidos) que preenchiam os espaços internos do organismo. Conforme ocorria um desequilíbrio nos humores orgânicos, surgiam as patologias. Os processos morbidos, estudados nesta escola, eram devidos a uma reação da natureza a uma situação de desequilíbrio humoral, sendo contínuos de três fases: a aepsia (aparecimento do desequilíbrio), a pepsis (surgimento de febre, inflamação e pus, devido à reação do corpo) e a crisis (ou lysis; eliminação brusca ou lenta dos humores em excesso) (DIAS, 2005; PITA, 2000).

O humor, que se caracterizava pela fluidez e miscibilidade, classificava-se em quatro tipos: sangue, pituíta (fleuma), bÍlis amarela e bÍlis negra, sendo suporte para as quatro qualidades elementares: calor, frio, secura e umidade. As qualidades elementares se relacionavam com os quatro elementos da natureza (terra, água, ar e fogo) e juntos articulavam nos humores do corpo gerando os temperamentos: sanguíneo, pituitoso (fleumático), bilioso e melancólico (DIAS, 2005; PITA, 2000).

Hipócrates considerava que a principal causa de doenças era o excesso de humores; portanto, o melhor tratamento era a eliminação do excesso destes humores através da boca, nariz, reto e, em muitos casos, pela prática da sangria. Para isso, utilizava purgantes (heléboro), diuréticos (funcho, melão, pepino), sudoríferos (bebidas quentes), entre outras substâncias. Introduziu um conceito importante que consideramos na atualidade, base para a terapia alopatÍca, a máxima *contraria*

*contrariis*, além da expressão *Primum non nocere*, que significa “em primeiro lugar, não prejudicar o paciente” (DIAS, 2005; PITA, 2000).

Os gregos também se preocupavam em utilizar produtos cosméticos para as mais variadas finalidades: o rizoma de açucena era muito utilizado no combate às rugas, manchas de pele e para tratamento da caspa; também se utilizava o lentisco como dentífrico (PITA, 2000).

Outras personalidades foram importantes nesta época como o médico romano Celso, que viveu no séc. I d.C., Dioscórides, médico siciliano (séc. I d.C.) e Galeno (séc. II d.C.), que nasceu em Pérgamo, cidade da atual Turquia (PITA, 2000).

Celso considerava que a alimentação, o exercício físico, à vida sexual ou o trabalho do indivíduo influenciavam no tratamento das doenças, sendo que a dieta era a terapia de escolha, seguido do uso de medicamentos e, por último, em casos mais graves, as cirurgias (PITA, 2000).

Dioscórides foi médico do exército romano e realizou estudos sobre matéria médica em algumas regiões como a Grécia, a Itália e Espanha. Publicou uma obra importantíssima conhecida como *Materia Medica*, onde aborda produtos naturais, principalmente de origem vegetal, sendo composta de cinco volumes e descreve cerca de 600 drogas vegetais, enfatizando a identificação, colheita e conservação (PITA, 2000; ROBBERS, 1997). Para ele, a qualidade do terreno era essencial para o plantio do vegetal. Todos estes conceitos vigoram até os dias atuais, e são de extrema importância ao se estudar farmacognosia (REIS; MARIOT; STEENBOCK, 2003).

No entanto, a figura mais marcante de toda a Roma Antiga, quando se fala nas artes médico-farmacêuticas, foi Galeno, considerado o médico mais célebre da antiguidade, depois de Hipócrates. Seus conceitos e práticas estabelecidas vigoraram além do renascimento científico-cultural, época em que suas teorias começaram a ser recicladas. Foi médico de gladiadores, momento em que pôde estudar mais a fundo anatomia humana e cirurgia (PITA, 2000).

Seguiu conceitos hipocráticos e classificou medicamentos para a terapêutica. Muitos pontos deveriam ser abordados quando se indicava algum tipo de medicamento ao paciente, como por exemplo: a qualidade dos medicamentos, a quantidade necessária ao organismo para exercer a ação, o modo de preparação, a via de administração e o tempo de aplicação do medicamento. Estes pontos abordados por Galeno são conceitos básicos da terapêutica atual e que são essenciais para

mantermos a qualidade e a segurança durante o tratamento e recuperação do paciente. Também conceitos de farmacotécnica são abordados por Galeno, como a divisão dos constituintes fundamentais do medicamento, que são as substâncias que conferem as propriedades terapêuticas ao medicamento, as que exercem ação corretiva de determinada característica organoléptica, e os excipientes onde as substâncias ativas são incorporadas (PITA, 2000).

### CONCLUSÃO

A espécie humana, em poucos séculos, conseguiu reorganizar e desenvolver conceitos médico-farmacêuticos banalizados em nossa atualidade, mas que caracterizou o período pré-técnico da história das civilizações.

Pode-se reafirmar que a História das Artes Médico-Farmacêuticas nasceu junto, e se confunde, com a própria história das civilizações, sendo que a farmácia (medicamentos e outras formas de terapia) se desenvolveu pela descoberta, na tentativa de erro ou acerto, do que é cura ou do que é veneno.

### REFERÊNCIAS

ARICÓ, C.R. **Arqueologia da ética**. São Paulo: Ícone, 2001.

COSTA, A.F. As plantas medicinais: preparação e conservação. In: \_\_\_\_\_. **Farmacognosia**. 4 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994. v. 2.

COWEN, D.L.; HELFAND, W.H. **Pharmacy: an illustrated history**. New York: Harry N. Abrams, 1990.

DAVID, J.P.L.; DAVID, J.M. Plantas Mediciniais. Fármacos Derivados de Plantas. In: \_\_\_\_\_. **Farmacologia**. 6 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

DEI TOS, E. **Lei da triossíntese**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2004.

DIAS, J.P.S. **A farmácia e a história:** uma introdução à história da farmácia, da farmacologia e da terapêutica. Lisboa: Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa, 2005.

PARKER, G. **Atlas da história do mundo.** São Paulo: Folha de São Paulo, 1995.

PITA, J.R. **História da farmácia.** 2 ed. Coimbra: Minerva, 2000.

REIS, M.S.; MARIOT, A; STEENBOCK, W. Diversidade e domesticação de plantas medicinais. In: SHENKEL, E.P. et al. **Farmacognosia: da planta ao medicamento.** 5 ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

ROBBERS, J.E.; SPEEDIE, M.K.; TYLER, V.E. **Farmacognosia e farmacobiocnologia.** São Paulo: Premier, 1997.

SILVA, P. Colinérgicos e anticolinérgicos. In: \_\_\_\_\_. **Farmacologia.** 6 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

VICENTINO, C. **História geral.** 9 ed. São Paulo: Scipione, 2004.

VIEIRA, J. **O magistrado e a lei antitóxicos.** 2 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2004.

